

DEUSES DO EGITO - LIVRO III

COLLEEN HOOVER

AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE



A COROA
DA VINGANÇA





O ARQUEIRO

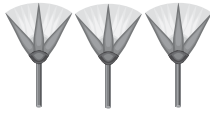
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



Para Aidan, Lex e Ashley.

*Eu dei a vocês o amor pela Turma do Pernalonga.
Mas vocês me deram muito mais.*

□ laço do amor

Com o laço na mão me escondo
E espero sem me mexer
Os lindos pássaros da Arábia
Que a mirra vão recender...
Ah, todos os pássaros da Arábia,
Que descem até o Egito,
Têm asas que espalham a fragrância
Da resina, doce infinito!
Eu gostaria que, ao prendê-los,
Pudéssemos juntos estar,
Gostaria de, ao ouvi-los,
Sozinho contigo me encontrar.
Se vieres, minha querida,
Quando os pássaros forem laçados,
Vou te prender e ficaremos
No laço do amor amarrados.

– DO LIVRO *EGYPTIAN MYTH AND LEGEND*,
DE DONALD MACKENZIE

PRÓLOGO

Sepultado

- Está começando.
- Sim, mestre. As correntes que o prendem estão enfraquecendo.
- Foi idiotice deles achar que esta prisão iria me conter para sempre.



Seth havia perdido a esperança de escapar. Mas então uma fagulha o encontrou. Um humano, um homem comum, descobriu um rolo de pergaminho, esquecido havia muito tempo, com um feitiço suficientemente poderoso para puxar um fio da tapeçaria escura que caía como uma cortina sobre sua mente.

O feitiço provocou uma minúscula mudança. Uma lasca numa parede de cimento. Seth apoderou-se com muito cuidado do fio escuro e puxou. Ao fazê-lo, sua mente se conectou com a do mortal e ele o imbuiu de poder. Mas o mortal era fraco e foi derrotado facilmente pelos Filhos do Egito.

Então outra voz o chamou. Estava isolada. Era mal compreendida. Tinha poder. Seth sussurrou para a mente dela. Fez promessas. Disse coisas que ela ansiava escutar. E ela se tornou sua. Ele a fortaleceu até que ela pôde escapar das amarras que a mantinham atada ao mundo dos mortos e a trouxe para sua prisão.

Absorvendo suas energias armazenadas, a forma dele se encheu até estourar e no negrume do obelisco ele respirou pela primeira vez em séculos. O tempo e o espaço ondularam e então a parede se quebrou. Um relâmpago atravessou o tecido do espaço.

Deslizando as mãos em torno das bordas partidas, ele usou seu poder

para ampliar a fenda e os muros caíram, dissipando-se até ele não poder mais senti-los. Uma a uma, as estrelas apareceram. Nebulosas espiralaram diante dele em nuvens de tons cerúleos, âmbar e magenta.

As estrelas se iluminaram ainda mais e ele soube que elas sussurravam sobre sua fuga, mas agora isso não importava.

Ele sabia o que precisava fazer.

Um dia ele pensara que Ísis seria sua companheira. Mas, graças à mulher que no momento se pendurava em seu braço, sua forma uma nuvem preta flutuando, quase incapaz de se manter inteira, ele sabia que havia outra destinada a ser sua.

Ela era linda. Poderosa. Intocável. Uma pedra ovo de serpente coberta de carne. Por esse motivo, seria difícil encontrá-la. Mas havia alguém que tinha o coração dela. Alguém que, nesse mesmo momento, o segurava em suas mãos de morto-vivo. E Seth sabia exatamente onde encontrá-lo.



Panquecas e papiros

O galo da vovó cantou, um som estridente demais para que eu pudesse ignorar. Rolei na cama e passei a língua pelos lábios, que por algum motivo pareciam inchados e dormentes. Minha boca estava muito seca. Gemi e me remexi embaixo das cobertas, puxando-as por cima da cabeça para bloquear os raios penetrantes da luz do dia. A claridade era uma intrusa – uma visitante indesejada perturbando a tumba escura onde eu dormia em paz.

Havia a consciência de alguma coisa fazendo cócegas no fundo da minha mente, mas eu teimei em ignorá-la. Infelizmente, o que quer que fosse, tinha cravado as garras e não seria afastada com tanta facilidade. O que era, que eu não conseguia lembrar? E por que eu me sentia como se tivesse perdido uma luta de boxe? Minha cabeça doía. Eu ansiava por analgésicos e um copo d'água fria, mas simplesmente não tinha energia nos membros para ir buscar o que desejava.

O som de potes e panelas deixou claro que eu não poderia ficar muito mais tempo na cama. Vovó iria me chamar logo. Mandona precisava ser ordenhada e havia ovos para recolher. Meus pés tocaram o piso frio de madeira e, enquanto eu deslizava para a borda da cama, vi que minhas mãos tremiam. Tive a sensação súbita de que corria perigo.

Quando me levantei, meus joelhos se dobraram e eu rapidamente voltei a me sentar. Ofegante, segurei a colcha de retalhos da minha avó, os dedos apertando o tecido frágil com a mesma força que eu usaria em uma boia salva-vidas. Uma camada de suor frio brilhava em meus braços. Eu não conseguia recuperar o fôlego. Minha mente estava cheia de horrores... Morte. Sangue. Destruição. Mal.

Seria um sonho? Se fosse, era o pesadelo mais vívido que eu já tivera.

– Lilypad? – Era a voz da minha avó. – Já se levantou, querida?

– Já – respondi, a voz vacilando enquanto eu esfregava com vigor os membros trêmulos. – Já vou sair.

Tentei afastar o pesadelo do melhor modo que pude e vesti uma camiseta confortável, um macacão velho e meias grossas. Quando saí para o celeiro, o sol já se encontrava inteiro acima do horizonte. Empoleirava-se no céu azul, brilhando sobre mim como um olho que soubesse demais. A luz pintava as nuvens diáfanas em tons de rosa e laranja. Enquanto eu seguia pelo caminho de terra batida, o sol dourado aquecendo meus ombros e o perfume do jardim de vovó fazendo cócegas em meu nariz, senti que tudo deveria estar certo no mundo. E, no entanto, eu sabia que não estava. O cenário dourado me parecia falso e eu pressentia coisas malignas escondidas nas sombras. *Há algo decididamente podre no estado de Iowa.*

Ao me acomodar no banquinho de madeira ao lado de Mandona, pensei que nunca tinha me sentido tão cansada. Era mais do que exaustão física. Bem no fundo eu me sentia abatida, esgotada – como se minha alma fosse uma das toalhas molhadas da vovó, torcida e jogada de qualquer modo num varal para secar. Pedacos de mim balançavam na brisa, e era apenas questão de tempo até que uma rajada de vento viesse com força suficiente para me lançar rodopiando na poeira. Levantei a mão para dar um tapinha no flanco de Mandona e soltei um suspiro que não sabia que estava prendendo. Logo o som do leite jorrando retinia na lateral do balde de metal.

Que incompreensível ritual humano você está praticando agora?, perguntou uma voz irritada.

Dei um grito e me levantei cambaleando, derrubando com um chute o balde de leite e o banquinho de madeira.

Isso se chama ordenhar uma vaca, sua felina pulguenta.

Naturalmente, isso eu deduzi. Mas um ato desses está abaixo de nosso status. E, para sua informação, nós não temos pulgas.

– Quem está aí? – gritei, girando no celeiro. Peguei um forcado e abri uma baia chutando a porta, à procura de intrusos. – Minha avó tem uma espingarda – adverti, uma declaração que nunca pensei que teria de fazer. – Acreditem. Vocês não vão querer pisar nos calos dela.

Por que ela não sabe quem somos?, perguntou uma voz com sotaque irlandês.

Não sei. Talvez haja alguma coisa errada com a mente dela. Lily, nós estamos dentro de você, disse a voz que antes soara irritada.

– O quê?

Pressionei as mãos contra as têmeoras e me agachei. *Talvez ainda esteja sonhando, pensei. Ou isso, ou estou ficando maluca. Será que finalmente surtei com a pressão de entrar para a faculdade? Agora estou imaginando vozes. Isso não pode ser bom.*

Você não está imaginando a gente, querida.

Isso. Somos tão reais quanto essa criatura babona e gorda demais para correr que você estava tentando ordenhar. Leite não é nem de longe tão gostoso quanto carne vermelha e crua, só para você saber.

Uma imagem minha cravando os dentes no corpo de uma criatura preencheu meu pensamento. O sangue quente encheu minha boca enquanto eu lambia os beiços.

Gritei, caindo na pequena pilha de feno que eu tinha desfeito para alimentar a vaca.

Fantástico. Você a fez surtar.

Uma pessoa tão poderosa quanto Lily não surta assim tão facilmente.

Isso mostra o que você sabe.

Estou com Lily há mais tempo. Acho que a conheço o suficiente para saber o que ela aguenta.

Obviamente, ela não aguenta isso. Não sente que ela está se desconectando? É como se a mente dela estivesse flutuando acima de nós. Antes ela nos abrigava como uma galinha chocando os ovos. Agora ela voou, abandonando o galinheiro, deixando a gente presa na casca, esperando que alguma raposa venha nos pegar para o desjejum.

Sou uma das escolhidas de Ísis. Uma felina africana destinada a travar grandes batalhas com dentes e garras. Eu não sou um ovo de galinha.

Bom, sem Lily nós estamos impotentes feito pintinhos. Quando a mamãe galinha morre, os pintos morrem também.

Lily não está morta.

Está quase.

Fiquei ali caída, a palha espetando meu pescoço e minhas costas enquanto ouvia. Será que eu estava morta? E tudo isso seria algum tipo de inferno reservado só para mim? Esse pensamento macabro me deu vontade de me enterrar mais fundo. Me esconder da insanidade que me cercava.

As duas vozes continuaram discutindo. Quem quer que fossem aquelas duas, pareciam me conhecer. Soavam familiares, mas, por mais que tentasse, eu não conseguia evocar uma lembrança. Mandona se aproximou e cutucou

meu corpo prostrado, mugindo para que eu terminasse o serviço de ordenha que tinha começado.

Quando sua língua comprida veio na direção da minha bochecha, tentei me afastar, mas descobri que não conseguia nem me encolher. Estava presa no meu corpo. *Um aneurisma cerebral. É isso que deve estar acontecendo. É a única coisa capaz de explicar as vozes e a incapacidade de mover os membros.*

A porta rangeu ao se abrir e senti alguém estender a mão e delicadamente tocar meu braço.

– Lily?

Um homem se inclinou sobre mim. Seus olhos eram gentis e familiares, mas eu não conseguia identificá-lo. A pele de seu rosto era curtida, como um colete de couro gasto, mas a maior parte das rugas em volta dos olhos estava virada para cima, como se ele passasse a maior parte do tempo sorrindo.

Hassan!, gritaram as duas vozes ao mesmo tempo. *Ele vai nos ajudar.*

– Ah, Lily! – exclamou ele. – Temi que algo assim acontecesse.

Isso não me soou nada bem. O homem desapareceu brevemente antes de voltar com minha avó. Ela o olhava como se ele fosse um lobo tentando fugir com sua ovelha premiada. Mesmo assim, fez força junto com ele para me levar para dentro de casa. Assim que eu fui acomodada no sofá, ela estendeu a mão para o telefone antigo pendurado na parede.

– Por favor, não – pediu o homem em voz baixa, em tom de súplica.

Seu olhar foi até vovó e depois voltou para mim.

Eu podia perceber a raiva e a suspeita na voz dela, espreitando logo abaixo de uma camada de educação forçada que se derretia progressivamente, como um depósito de neve cobrindo um vulcão ativo. Ela estava se preparando para uma erupção em toda a sua glória protetora de avó.

– E por que eu não chamaria uma ambulância? – perguntou, desafiando-o. – Parece muitíssimo conveniente que o senhor tenha surgido junto à minha neta no celeiro. Como vou saber que não é o culpado pelo que está acontecendo com ela?

– Ao contrário. Voluntariamente admito que em parte sou culpado pelo estado dela, embora jamais lhe desejasse nenhum mal. Se eu quisesse levá-la embora com algum objetivo nefasto, não teria chamado a senhora.

Vovó respondeu apenas com um *humpf* desconfiado.

O homem torceu o chapéu nas mãos, culpado, enquanto falava.

– Quanto ao motivo para a senhora não procurar um atendimento mé-

dico, lamento informar que o mal de Lilliana não é deste mundo. Receio que um médico não pudesse prestar qualquer ajuda.

Da minha posição fixa no sofá eu não conseguia ver vovó, mas o fato de ela não apertar imediatamente as teclas para chamar a Emergência significava que estava pensando nas palavras dele.

– Explique – exigiu.

– É bem complicado... – começou ele.

– Então eu sugiro que você me conte a versão simplificada.

O homem assentiu com a cabeça, engoliu em seco e disse:

– Bom, isso é uma suposição da minha parte, mas acho que Lily pode estar sofrendo de uma forma extrema de transtorno de identidade dissociativa. Ela teve uma experiência traumática muito recente. Terrível a ponto de sua consciência ter... por falta de uma explicação melhor... recuado. É a forma que a mente dela encontrou para se proteger.

– E quando, exatamente, o senhor acredita que esse *trauma* aconteceu? Lily está sob meus cuidados desde que chegou.

– Isso não é totalmente verdadeiro.

– Já basta. Vou chamar a polícia.

– Não! Por favor, minha senhora, eu imploro. Não tenho a intenção de fazer nenhum mal à senhora nem a ela. Não existe ninguém mais qualificado para ajudá-la do que eu. A senhora precisa acreditar.

– Quem é o senhor? E como sabe o nome de Lily? – Havia um tom perigoso em sua voz.

Ele suspirou.

– Meu nome é Osahar Hassan. Sou egíptólogo. Ela mencionou meu nome? Falou sobre o Egito?

Vovó chegou mais perto do sofá. Dava para ver a incerteza em seus olhos.

– Os... os pais dela disseram que ela desenvolveu um grande interesse pela ala egípcia do museu. Passou lá todo o tempo livre nos últimos meses.

Eu tinha feito isso? Nesse caso, não tinha absolutamente nenhuma lembrança. Por que saí da cama esta manhã? Sabia que alguma coisa estava esquisita. Mas ainda assim não fazia sentido meu cérebro se dissociar. Era de lá que vinham as vozes? E por que meu estado mental afetava os membros? Tentei desesperadamente mover o dedo mindinho. Levantar um único dedo. Concentrei-me, como se estivesse passando a linha numa agulha de bordar da vovó. Não consegui nem ao menos uma contração.

– Lilliana está me ajudando num... num projeto de grande importância.

Infelizmente, uma das descobertas que fizemos a colocou em perigo. – Ele levantou a mão. – Não se trata de perigo físico. – Fez uma careta. – Por enquanto. É com o estado mental dela que estou mais preocupado. Veja bem, houve um encantamento...

– Um encantamento? – indagou vovó, erguendo a sobrancelha junto com um canto dos lábios.

– É, um encantamento. Um encantamento muito antigo e poderoso. Se me permite, posso provar que o que estou dizendo é verdade. – Ele se aproximou um passo do sofá, mas vovó largou o telefone, que agora emitia bipes porque estava fora do gancho. O meio sorriso desapareceu do rosto dela enquanto pegava a espingarda que guardava no canto. Vovó não a mantinha carregada, mas o homem não sabia disso.

– Acho melhor o senhor manter distância da minha neta – alertou.

O homem olhou para a espingarda, depois para minha avó. Assentiu levemente, mas levantou um dedo como se quisesse silenciá-la, nem um pouco abalado com o fato de ter a arma apontada para ele.

– Tia? – disse ele, olhando meu corpo inerte. – Você está aí? Se estiver, preciso que assuma o controle por Lily.

Nos poucos segundos que demorei para me perguntar quem era Tia, meu foco mudou. Eu me senti menor. Como se estivesse olhando o mundo através de uma fina camada de água. Instintivamente tentei resistir à mudança. Sabia que o que estava acontecendo comigo tinha a ver com alguma coisa ruim – ruim do tipo ser acorrentada a uma âncora e jogada no oceano –, mas ao mesmo tempo eu tinha a nítida impressão de que estava em segurança. Sendo cuidada. Amada.

– *Estou aqui* – ouvi uma das vozes dizer, só que agora vinha da minha boca. Lentamente minha visão mudou enquanto meu corpo se sentava no sofá. – *A fada também está comigo.*

Eu tenho nome, você sabe, disse a segunda voz dentro de mim.

– A fada? – O homem franziu a testa. – Parece que Anúbis esqueceu de mencionar alguns detalhes importantes, como sempre.

– Fada? Anúbis? O que exatamente está acontecendo aqui? – perguntou vovó. – Lilypad, você está bem, querida?

– *A que você chama de Lilypad está aqui. É como Hassan descreveu. A mente dela está fragmentada. Ela é como um rio numa tempestade, cuja água se tornou turva com os sedimentos. Só posso esperar que, com o tempo, ela volte ao normal.*

O homem esfregou o queixo.

– É, talvez – disse.

– Como você pode falar em normalidade quando ela está sofrendo de dupla personalidade? – perguntou vovó. – Diga exatamente o que está acontecendo!

O egiptólogo já ia falar quando uma voz nova, como uma fumaça musical etérea, ecoou à nossa volta.

– Talvez vocês me permitam explicar – disse a voz.

Minha cabeça se voltou para um ponto de luz que foi crescendo no centro da sala. Escutei um leve arquejo vindo de vovó quando uma mulher linda, de cabelos louros, lisos e brilhantes como um lago congelado, passou por um portal reluzente. O fundo iluminado foi diminuindo atrás dela, mas ainda havia uma claridade que não abandonou sua forma.

– Quem... quem é você? – perguntou vovó.

Ela se virou para Hassan, mas ele tinha o olhar fixo na mulher, assombrado. *Ela é uma porcaria de uma fada como eu!*, disse a voz da fada.

– *É claro que não* – retorquiu Tia. – *Não reconhece uma deusa quando vê?*

Uma deusa?, pensei com desdém. *Que maluquice!* E de maluquice eu entendia. Os nova-iorquinos viam maluquices todo dia: sujeitos dançando na rua vestidos de Estátua da Liberdade, mulheres correndo de salto alto, trailers de comida no formato de cheeseburgers, cachorros com acessórios da moda. Mas isso aqui era de um nível superior, maluquice tipo “Meu namorado é um alienígena”.

Se eu não tivesse visto a mulher aparecer por magia, nunca teria acreditado. Nem com provas fotográficas. Quem quer que ela fosse, estava tão deslocada na fazenda da minha avó quanto um *cupcake* de chocolate numa academia de ginástica.

Ela é uma fada, continuou a voz, e eu tinha certeza de que somente eu e Tia podíamos escutar. *Aposto minha casa na árvore*.

– *Não é* – disse Tia com veemência, usando o que decidi chamar de sua voz exterior. – *É a irmã de Ísis*.

– Néftis! – exclamou o homem enquanto fazia uma reverência. – Que honra! Com expressão gentil, a deusa pôs a mão no ombro dele.

– A honra é minha, Hassan. – Virando-se, a bela mulher se aproximou de vovó. – E a senhora deve ser a estimada guardiã da nossa Jovem Lily.

– Eu... – Vovó engoliu em seco, a espingarda esquecida nas mãos. – É. Sou a avó de Lily.

– Bom. Há muita coisa para vocês dois fazerem. – O sorriso dela abarcou ambos. – Vocês precisam treinar Lily. Não há muito tempo. Seth se libertou do obelisco. Ainda está algemado, mas seus lacaios obedecem ao chamamento dele. Se Lily não alcançar o poder pleno, infelizmente tudo estará perdido.

– O que estará perdido? – perguntou vovó.

– O grão-vizir Hassan vai lhe contar tudo. Não posso ficar aqui. Seth procura Lily e, apesar de eu estar oculta pela presença dela, nem mesmo um ovo de serpente com a capacidade de Lily pode me esconder do meu marido por muito tempo. – Néftis pôs um pergaminho enrolado na mão de Hassan. – Você está familiarizado com as histórias de Hécate? A donzela, a mãe e a velha? As Fúrias? Sereias?

Hassan assentiu, hesitante.

– Não são minha especialidade, mas conheço as coisas que a senhora menciona.

– Ótimo. Você está ciente de que Lily assumiu o poder da esfinge. – Ela ignorou o arquejo de vovó e continuou: – Ela deve se tornar Wasret. O conceito de quem e o que é Wasret foi deixado proposadamente vago na história do Egito. Fizemos isso para mantê-la a salvo de Seth. No entanto, há muitas referências a uma deusa tripla espalhadas pelas histórias antigas. Espalhamos essas coisas por toda a história especificamente para escondê-las de Seth e para você fazer uso delas. Use este pergaminho como guia. Estude todas essas histórias, porque elas lhe darão pistas do potencial e do poder de Lily.

Néftis veio até mim e pôs a mão no meu rosto.

– Wasret é de importância vital. Estive esperando que ela surgisse desde a alvorada dos tempos. – Ela deu um beijo suave na minha testa e se virou para encarar os outros, que nos olhavam com expressões de choque. – Lily ainda não vestiu o manto do que ela será. Vocês devem ajudá-la a conseguir isso. Consertar o mal que a aflige. Reuni-la aos que ela ama. Eles irão ajudá-la a vencer a fera.

Ela continuou com uma leve tristeza na voz:

– Neste momento a batalha de Heliópolis está começando. Eu gostaria de lhes dar mais tempo, mas acho que essa é a única coisa que está além até mesmo do nosso poder. Boa sorte para vocês. Boa sorte para todos nós.

Com isso a deusa ergueu a mão num floreio e um portal iluminado surgiu. Quando ela o transpôs, o portal desapareceu numa explosão de cor, levando-a com ele. Na eletricidade que pairou no ar após a visita da deusa, nós três permanecemos em silêncio. O único som na sala era nossa respiração.

Até que a tensão foi rompida pelo mugido inconfundível de Mandona.

– Ora, ora – disse vovó. – Parece que há mais coisas aqui do que pensei originalmente. – Virando-se para mim, ela disse: – Tia, não é?

– *Sim* – respondi.

– Você garante que minha Lily está em segurança?

– *Garanto. Ela está aqui comigo e pode nos ouvir. Mas está confusa.*

– Assim como todos nós, minha cara. Será que você sabe ordenhar uma vaca?

Meu nariz se franziu.

– *Posso acessar as memórias de Lily sobre essa tarefa.*

– Bom. Então vá lá fora e termine o trabalho com Mandona. E, você – ela apontou para o homem –, ponha esse chapéu empoeirado no cabide perto da porta e lave as mãos. Vou fazer panquecas.

O homem assentiu.

– Sim, senhora.

Vovó recolocou a espingarda no lugar onde a havia apanhado e começou a assobiar. Então amarrou o avental, como se fosse um dia normal na fazenda.

Quando voltamos depois de ordenhar Mandona, o homem estava sentado à mesa com vovó e havia entre os dois uma tigela de ovos mexidos e uma pilha de panquecas tão alta que achei que seria impossível nós três darmos conta dela. Estava errada.

Meu apetite era voraz. Era como se eu não tivesse comido durante semanas. Além disso, as criaturas que habitavam meu corpo ficavam fazendo comentários estranhos, como “Seria melhor se os ovos estivessem crus” e “O xarope parece suco de abelhas”. Mergulhei a língua no copo de leite fresco, como um gatinho na tigela.

Normalmente eu não conseguia bebê-lo quente; o cheiro era um pouco próximo demais do almíscar do animal para o meu gosto. Dessa vez, porém, bebi e lambi o creme doce nos lábios com um estremecimento de prazer.

Quando terminamos o café da manhã e Tia, que ainda estava no controle, lavou os pratos atabalhoadamente, o homem chamado Hassan pegou o pergaminho e o abriu em cima da mesa.

– Bom – disse ele. – Vamos começar?



Sou uma o quê?

Vovó pigarreou.

– Talvez devêssemos recomeçar – disse e então estendeu a mão. – Meu nome é Melda.

– Pode me chamar de Oscar – replicou o homem, apertando a mão dela e abrindo um sorriso caloroso. – Prazer em conhecê-la, Melda.

Se eu estivesse no comando do meu corpo, teria franzido a testa diante do ligeiro rubor que tingiu as bochechas dele quando percebeu que estava segurando a mão de vovó por alguns segundos a mais do que o necessário.

– Bom, então acho que eu deveria começar contando a... como era mesmo? Ah, sim, a versão simplificada dos acontecimentos.

Ele começou a contar a mais fantástica das histórias, envolvendo múmias, um necromante, uma diaba maligna sugadora de almas, deusas e muito, muito mais. Enquanto o homem continuava com a história, minhas vozes internas ouviam com muita atenção, fazendo pequenos comentários e acrescentando detalhes quando ele chegou às partes em que elas apareciam.

Todo mundo aparentava estar muito seguro de que as coisas incríveis que ele descrevia tinham acontecido de verdade. Eu não conseguia acreditar. Aquilo tudo não podia se referir a mim. Por que eu sairia de Nova York para seguir uma múmia? Me arrastar através de tumbas mortais cheias de armadilhas e lutar contra zumbis? Além disso, tinha sacrificado minha vida só para que ele salvasse o mundo? Eu devia ser mais altruísta do que pensava.

Aparentemente eu estava outra vez disposta a salvar o mundo entrando no inferno ou, sei lá, no mundo dos mortos, para encontrar esse tal cara, que era uma múmia, e levá-lo de volta para o além de modo que ele pudesse continuar fazendo seu trabalho. Claro, o trabalho dele parecia bem ingrato.

Só tinha duas semanas vivo, depois precisava morrer para manter um tal deus maligno na prisão, o que claramente não funcionava, já que esse vilão tinha escapado e estava iniciando uma guerra.

Era uma boa história e as vozes na minha cabeça acreditavam que era absolutamente verdadeira, mas alguma coisa parecia estranha. Qual era a minha motivação? Por que eu iria embora e faria todas essas coisas? Como eu podia ser uma deusa? Ou uma esfinge, ou sei lá o quê? Eu não era uma guerreira.

Quando Tia sentiu minha dúvida, parou a conversa e disse:

– *Lily precisa ver uma coisa.*

Oscar e vovó assentiram e me acompanharam, saindo da casa. Tia parou perto do celeiro, ajeitou um monte de feno e perguntou a Hassan:

– *Você está com nossas armas?*

Ele assentiu e pegou uma mochila dentro do celeiro.

– *Escondi aqui, depois de Anúbis sair.*

Abrindo a mochila, ele me entregou um arco e uma aljava de flechas, depois pousou no chão um arnês com duas facas de aspecto maligno, cruzadas, projetando-se do topo.

– *Acho que vamos experimentar o arco primeiro.*

Com uma destreza inesperada, que só podia ser resultado de anos de treino, meus dedos ajustaram uma flecha, puxaram a corda e a fizeram voar com um estalo. A ponta se cravou no fardo de feno com força suficiente para uma nuvem de palha turvar o ar. Se eu tivesse controle do meu corpo, bateria palmas para ela.

Minha voz suspirou.

– *Lily acredita que a habilidade é minha* – disse Tia.

Que tal as facas?, sugeriu a fada irlandesa.

Dando de ombros, meus dedos se estenderam e pegaram o arnês. Joguei-o sobre os ombros, prendendo-o rapidamente no lugar. Sem nem pensar, corri, pulei por cima de um cocho d'água, puxei as facas das costas e fiz uma manobra de artes marciais espetacular. Rolei, apertei os botões que havia nas facas, que as fizeram se alongar até virarem lanças, e cravei as duas no espantalho do jardim da vovó. A palha do enchimento no peito dele explodiu, lançando no ar tufos dourados que desceram suavemente até o chão. A vítima desmoronou numa pilha de trapos velhos.

Uau!, pensei. *Isso foi incrível! Parabéns!*

Nós seríamos mais poderosas ainda se você se juntasse a nós, Lily, grunhiu Tia.

Se eu me juntasse a vocês? Ahhh... já estou aqui. Presa a vocês, por assim dizer.

Esse poder não é só nosso. Nós o compartilhamos com você. Na verdade, você já o tinha antes de eu subir a bordo.

Tenho certeza de que não sou eu que estou fazendo essas coisas, falei. Na verdade, nem sei por que estou conversando com vocês, que não passam de manifestações da minha loucura. Isso tudo é provavelmente um sonho complicado, e em algum momento vou acordar num hospital, sendo atendida por um médico jovem e lindo que vai dizer que eu finalmente me livrei do que quer que tenha provocado essa alucinação e que ele quer me convidar para sair. Com sorte, isso tudo vai ser só o resultado de uma pancada feia na cabeça.

Outro rosnado soou nos recessos da minha mente e senti medo. Eu tinha deixado Tia com raiva.

Como você ousa!, vociferou ela. *Você desconsidera nossos feitos. Nossos sacrifícios. Se não acredita nas nossas capacidades, acredite nisto!*

Minhas mãos foram erguidas de modo que pude vê-las claramente e então observei horrorizada os dedos se alongarem, formando garras com uma falange extra. Minha visão ficou mais aguçada e focalizei um inseto minúsculo que andava num tomateiro da vovó. Eu podia ver até os pelinhos nas costas dele. Houve um estalo e pude ouvir o farfalhar das folhas, embora não houvesse nenhum vento soprando na árvore grande atrás do celeiro. Então escutei o som áspero de algum bicho no subsolo, cavando. Farejei o ar e percebi que o animal estava a mais de um quilômetro de distância.

Entrei em pânico e tentei apertar os olhos com as palmas das mãos, mas ainda não conseguia me mexer. Olhei para minhas mãos e fiquei horrorizada. *Não, não, não!*, gritei repetidamente, incapaz de desviar o olhar, mas desesperada para fazer isso.

– *Ela está com medo* – disse Tia, desconsolada. – *Não consegue aceitar o que somos. Tenho medo de que esteja tudo perdido.*

– *Nada está perdido até estar morto e enterrado* – interveio vovó, a voz ressoando uma convicção de aço. – *E mesmo então não tenho tanta certeza.*

Ela se aproximou, parou à minha frente e pôs as mãos nos meus ombros – quentes, pesadas e tranquilizadoras.

– *Agora ouça, Lilypad.* – *Era reconfortante tê-la ali, ouvir sua voz familiar. Um pontinho de normalidade num oceano de confusão.* – *Compreendo que essa coisa toda é meio perturbadora, mas não consigo aceitar um mundo em que você fique isolada de mim. Essa coisa é tremendamente estranha, sem*

dúvida, mas as mulheres da família Young levantam a cabeça e fazem o que é necessário. Não me surpreende nem um pouco que você tenha salvado o mundo duas vezes. A neta que eu conheço jamais se esquivou do que é importante, e isso parece bem importante.

Vovó acariciou meu rosto e depois deu tapinhas de leve nele.

– E mais: suspeito que o rapaz que você amou e perdeu era o mesmo que você foi salvar, não era?

Ela fitou os meus olhos, buscando confirmação, mas, mesmo que eu soubesse a resposta, não conseguiria mover os lábios para formar as palavras. Por algum motivo, minhas duas vozes internas silenciaram nessa questão.

– Humpf – grunhiu vovó, e em seguida olhou para Oscar, mas ele apenas deu de ombros e levantou as mãos, como se também não quisesse comentar o assunto. – Certo, Lilypad. Vou lhe dar um tempo para pensar nisso enquanto conheço melhor essas duas garotas que estão visitando você e decidimos o que fazer em seguida.

Ela fazia parecer que eu estava tendo uma festinha do pijama e ela estivesse determinando as regras básicas.

– Mas espero que você se esforce bastante para aceitar a situação. A negação não é bem-vinda na minha fazenda. – Ela apertou meu ombro com um leve indício de preocupação nos olhos. – Quanto antes resolvermos essa confusão, mais cedo terei minha neta de volta.

O estrondo de um trovão ribombou no céu e um vento forte soprou meu cabelo, afastando-o do rosto. Nuvens escuras, roxas, se agitavam no céu como uma cavalaria do deserto. Grossas gotas de chuva caíram no chão, seguidas imediatamente por granizo. O som era ensurdecedor. Eu quis cobrir a cabeça com o braço, mas a que estava no comando do meu corpo ergueu o rosto e farejou.

– *O que é isso?* – perguntou ela.

– A batalha de Heliópolis começou – sussurrou Oscar.

– Venham – disse vovó. – Vamos entrar.

Depois de finalmente conseguirmos fechar a porta, que batia com violência, nos apinhamos em volta da pequena mesa da cozinha, espiando pela janela manchada pela chuva, as gotas grandes borrando tudo lá fora. O granizo batia no telhado com tanta força que eu me encolhi, torcendo para que a tempestade não arrancasse as telhas.

Oscar pigarreou e deu as costas, decidido, para a janela que sacudia.

– Não podemos fazer nada com relação a isso agora. Nosso trabalho é ajudar a preparar Lily.

– E para quê, exatamente, vamos prepará-la? – perguntou vovó.

– Ela precisa assumir o poder completo. Só então poderá derrotar o maligno.

– Derrotar? E como isso aconteceria, exatamente?

– Há muitas coisas que eu não sei, mas animem-se. Como viram, ela é perfeitamente capaz de desempenhar o papel de guerreira.

– É, mas...

A mão de Oscar cobriu a de vovó.

– Ela é a única esperança do mundo. Devemos ajudá-la a acreditar nisso. O resto vai se resolver sozinho.

Vovó pôs a outra mão sobre a dele.

– Era o que meu falecido marido sempre dizia. – Ela lhe dirigiu um sorriso lacrimoso, deu tapinhas na mão dele e depois ajeitou o cabelo para trás, prendendo os fios soltos no coque à nuca. – Muito bem, então, por onde começamos?

– Sugiro que comecemos traduzindo o pergaminho. Você poderia fazer o favor de tomar notas?

Vovó assentiu e tirou sua lista de tarefas da geladeira, prendendo a primeira folha de volta na superfície branca e trazendo o bloco e a caneta para a mesa. Só vovó acharia que ainda precisava guardar a lista de compras quando o apocalipse estava chegando.

Essa era mesmo minha avó. O que estava acontecendo comigo não era um sonho. Era real. Eles estavam certos. Eu poderia lutar contra tudo aquilo – dar murro em ponta de faca, para usar uma expressão que vovó dizia frequentemente – ou poderia levantar a cabeça e fazer o máximo para entender tudo. Quando Oscar começou a traduzir e vovó a anotar, prestei muita atenção.

– Esta passagem se refere às Fúrias. Elas possuem a chave que destranca o armazém onde são guardados os raios de Zeus. Viajam pelo céu à noite cantando sobre a justiça enquanto a luz da Lua marca seu caminho. Os maus escutam as vozes das filhas da Terra e sabem que, quando a canção terminar, o silêncio sem vento da morte virá para eles. As Fúrias estão para sempre ligadas aos deuses do Sol, da Lua e das estrelas, e, quando a vida delas se esvai, o Sol e a Lua são eclipsados e as estrelas caem do céu. Com tristeza, a Lua põe sua imagem sobre o próprio rosto para que todos vejam. – Oscar fez uma pausa. – Acredito que esta seja uma referência a Amon, Asten e Ahmose. Eles são os deuses associados ao Sol, à Lua e às estrelas.

Espera um segundo. Isso quer dizer que nós vamos morrer?

– *Você está falando sobre nossa morte?* – perguntou Tia, ecoando meus pensamentos.

– Não há como saber – respondeu Oscar.

Tia apenas assentiu, como se resignada aos fatos.

– *Por favor, continue.*

Por que isso não incomoda você? A nossa morte?, perguntei a ela.

Eu já morri uma vez, replicou ela. *Aceitei isso há muito tempo.*

Fale por você. Não quero abandonar o fantasma tão cedo, disse a outra voz.

Vou lhe lembrar que um fantasma é tudo que você é neste momento, disse Tia. *Seu corpo não existe mais.*

Nem o seu, retrucou a outra, irritada.

Obviamente.

Qual é o seu nome?, perguntei. *Sei que a que está no comando é Tia. Mas quem é você?*

Pude sentir o prazer que a outra experimentou quando falei com ela.

Sou Ashleigh, respondeu a voz. *Sou uma fada. Pelo menos era. Vim da Irlanda.*

Uma fada irlandesa. Claro. Por que não?

Prazer em conhecê-la, eu disse.

Então me concentrei de novo na voz de Oscar:

– A serpente ouve o lamento dela e emerge de seu covil, onde ela irá amarrá-la com uma corda. Ah – o erudito deu um tapinha no pergaminho –, isto é uma descrição da Pedra da Deusa Tripla. É bem famosa. A inscrição na pedra se refere a uma deusa chamada Qetesh, que tem muitos nomes. A daqui indica especificamente que ela é a Senhora de Todos os Deuses. Seus símbolos são o leão e a esfinge. E, aqui, veja a arma que ela segura.

Ele virou o pergaminho para vovó olhar. Ela pôs os óculos de leitura e fitou o lugar para onde ele apontava.

– São as facas-lanças dela?

– Acredito que sim. – Oscar bateu no lábio, pensando na imagem. – A deusa mencionou sereias. Elas também cantam para atrair os homens e prendê-los. Talvez a canção de Lily seja o que será usado para prender Seth.

– *Nós não cantamos* – observou Tia, bufando.

– *Cantar* não precisa significar alguma coisa musical. Pode ser algo entoado ou um encantamento.

– *Nós temos o poder dos nomes.* – Ashleigh se empertigou, assumindo o controle.

Embora fosse o meu corpo falando, a voz soava diferente. Havia um nítido sotaque cadenciado.

Vovó sorriu.

– Você deve ser a fada.

– *Ashleigh* – disse ela. – *Prazer em conhecê-la.*

– Pode nos falar mais sobre os nomes, Ashleigh? – perguntou vovó, com a caneta a postos.

– *Nós descobrimos os verdadeiros nomes das coisas. Isso nos dá poder sobre elas.*

– Nomes, nomes... Sim, aqui há um trecho que fala do poder dos nomes. Diz: aquela que possui os olhos para ver, o coração para sentir e a alma para alcançar terá o poder de discernir todas as coisas. Ela, e somente ela, possuirá o poder de dar nomes e derrotar o Caos. – As sobrancelhas de Oscar se ergueram e ele se recostou na cadeira. – Será que pode ser tão simples assim?

Vovó passou o dedo no lábio.

– Nada é simples como parece. O que é que tem nessa parte?

– Este pedaço se refere à deusa Hécate.

– Ela é grega? – perguntou vovó.

– É. Além disso, é também uma deusa tripla. Neste desenho ela segura uma chave. – Ele fez uma pausa. – Interessante. Esta é a segunda vez que uma chave é mencionada. – Continuou: – Ela é guardiã das encruzilhadas e comumente considerada aquela que guia os fantasmas pelo caminho certo. Dizem que seu destino é lutar contra os Titãs. É honrada pelos deuses imortais, que irão se tornar seus reis adoradores. Seu animal símbolo é o cachorro e ela costuma ser representada com eles.

– *Cachorros.* – Tia fungou. – *Não temos utilidade para eles.*

– *A não ser que isso se refira aos cães do inferno no mundo dos mortos. Eles se tornaram nossos serviçais depois que demos nomes a eles* – acrescentou Ashleigh.

Oscar levantou a cabeça.

– Você se lembra do nome de algum deles?

– *Claro.* – Ashleigh riu. – *Quem pode esquecer Aquele que Esvazia a Bexiga ao Vento? É um nome que jamais esquecerei.*

– Você pode chamá-lo? – perguntou Oscar.

– *Chamar o cão do inferno?* – disse Tia. – *Podemos tentar.* – Ela fechou nos olhos e gritou: – *Venha até nós, Aquele que Esvazia a Bexiga ao Vento!*

O ar se agitou à nossa volta e ouvimos um ganido precedido por um rosnado.

Você precisa nos ajudar, Lily.

Não sei o que fazer.

Junte sua mente à nossa, incentivou Ashleigh.

Eu não tinha ideia do que elas queriam de mim, mas, ao ser instigada, tentei fazer o que pediam.

Tia começou a respirar regularmente, concentrando-se, e algo dentro de mim mudou. Foi quase como se eu cruzasse os braços diante do peito e caísse para trás, confiando em Tia e Ashleigh para me segurar. Elas me prenderam num abraço tão forte que eu não conseguia saber onde eu terminava e elas começavam. Com uma só voz entoamos:

– Venha até nós, Aquele que Esvazia a Bexiga ao Vento!

O ar se agitou, criando um redemoinho na cozinha. Senti a escuridão se aproximar, da mesma forma que podia sentir a aproximação de uma tempestade. Todos percebemos um cheiro pungente no ar. O odor de enxofre, carvão queimado e ozônio. Era o cheiro de um inimigo. Uma sombra escura se materializou, mandíbulas batendo enquanto uma voz ofegante sibilava:

– O que você quer?

Vovó arquejou e Oscar a envolveu com um braço, puxando-a para trás e posicionando-se na frente dela.

Eu não conseguia me lembrar do que aquela criatura tinha feito conosco, mas me lembrava do gosto de sua maldade e do cheiro de cobre do sangue que ele havia derramado.

– Você vai nos ajudar? – perguntamos.

– Não tenho escolha senão fazer o que vocês pedirem.

– Você tem visto sua antiga senhora? – perguntamos.

– Não desde que vocês duas desapareceram. – A cabeça da criatura virou fumaça e depois se solidificou num novo ângulo, seus olhos se viraram para o lado.

– O que é? Diga o que você sabe.

– A rainha está viva. Ela luta ao lado do Obscuro.

– Então a Devoradora se juntou a ele?

– Ssssim. – A palavra saiu num sibilo.

– Você sabe quais são os planos dela?

– Apenas boatos.

– E estes são...

– Que os dois estão caçando você. Vão tentar encontrá-la ferindo as pessoas que você ama – replicou ele.

Minha mente se fragmentou.

– *Asten!* – gritou Tia.

A criatura sombria gargalhou.

– Até mais, deusa.

– *Eu... eu ordeno que você fique!* – gritou Tia.

– Você soltou a coleira – disse ele com um estalo das mandíbulas. – Corra, deusa pequenina, pois garanto que minha mordida é muito pior do que meu latido.

A criatura me atacou com as garras afiadas, mas nós a jogamos longe com um tapa. Mentalmente, Ashleigh segurou Tia e a puxou de volta para o lugar. Nós nos reconectamos e, em unísono, ordenamos que o cão do inferno fosse embora. A fera sumiu num fiapo de fumaça no momento em que saltava na direção de Oscar, as mandíbulas escancaradas.

– Ora, isso sem dúvida foi interessante – disse vovó enquanto a aliança mental que eu tinha com as outras duas ia se desfazendo aos poucos.

– Se com *interessante* você quer dizer *mortal*, sim, foi interessante – replicou Oscar. – Parece que Ashleigh estava certa. Descobrir o nome das coisas é algo poderoso mesmo.

– Parece que sim – acrescentou vovó. – Tem mais coisas aí?

– Há a menção às Valquírias – disse ele, e começou a ler: – Elas atravessam o mar aéreo. Três moças entram, mas uma cavalga adiante, de pele branca por baixo do elmo, a luz do sol brilhando nas lanças. Os cavalos tremem e das crinas o orvalho cai vermelho-sangue nos vales profundos. – Ele levantou os olhos. – Parece que elas montam cavalos alados através das nuvens e entram na batalha escolhendo quem vai viver e quem vai morrer.

– *Talvez você esteja falando dos unicórnios* – disse Tia.

– Unicórnios? – perguntou vovó, o queixo caindo. – Será que isso ainda pode ficar mais bizarro?

– Receio que sim – respondeu Oscar. – Aqui há uma referência às três irmãs bruxas de Shakespeare, encontradas na peça *Macbeth*. Especificamente a fala “O bem é o mal, o mal é o bem” é mencionada.

De repente minha memória voltou ao dia em que almocei com as garotas do meu comitê de formatura. Eu as chamei de Irmãs Esquisitas. Engraçado. Acabou que eu é que era estranha o tempo todo. Havia um bloqueio mental, quase como estática que amortilhasse a memória. Por algum motivo eu tinha ficado agitada durante a reunião. Naquele dia tinha ido ao museu, tentando escolher que faculdade fazer. Era aí que a

memória parava. Por mais que eu tentasse, não conseguia acessar a parte que faltava.

Não posso ajudá-la, disse Tia. Só posso compartilhar as coisas que você me contou e as lembranças que temos juntas. No entanto, suspeito que a coisa que você não consegue ver seja Amon.

Você se refere à múmia?

É. Você o ama, disse Tia na minha mente, em tom casual.

Amo?

Seria possível? Será que eu tinha me apaixonado por esse cara que eu vivia salvando? Eu não conseguia imaginar nenhum homem por quem arriscaria a vida. Especialmente alguém que fizesse um bico como múmia. Era uma ideia perturbadora.

– Então realmente nada é simples como parece – disse vovó, interrompendo meus pensamentos.

– Isso deveria ser óbvio – observou Oscar.

– Então qual deve ser nosso primeiro passo? – perguntou vovó.

Oscar comprimiu os lábios e me olhou, estreitando os olhos, como se pensasse nos méritos de um aspirante a aprendiz.

– Não podemos fazer nada com relação à memória de Lily, a não ser lhe dar tempo. Até que ela se recupere, sugiro que treinemos as garotas a usar a capacidade de descobrir nomes e praticar suas várias habilidades. Quando ela estiver pronta, poderá invocar os irmãos, chamando-os como fez com o cão do inferno. Sem o Olho de Hórus, nós não podemos chamá-los, e Amon só terá essa capacidade daqui a um milênio.

– *Não podemos simplesmente tirá-los do além?* – perguntou Tia.

Oscar balançou a cabeça.

– Até que os corpos e as almas deles estejam unidos, eles não podem deixar aquele reino. Mas vocês invocaram o cão do inferno e ele tinha forma física por baixo de toda aquela fumaça. Tenho certeza de que serão capazes de trazê-los.

E se não formos?, pensei.

– *Lily duvida da nossa capacidade de fazer isso* – explicou Tia.

Oscar se inclinou à frente e falou com convicção:

– Confio que, se pudermos de algum modo ajudar as Fúrias dentro de vocês a se manifestarem, descobriremos a chave para destrancar essa porta.

Talvez a chave de que ele falava também destrancasse minhas memórias. Mas, por mais que eu quisesse lembrar, parte de mim estava apavorada. E se eu não pudesse fazer tudo o que eles esperavam? E se eu não estivesse

pronta? E se eu provocasse a destruição do mundo? E se o inimigo que andava de um lado para outro do lado de fora dos portões, aquele cuja presença eu sentia tanto quanto a de Tia e Ashleigh, conseguisse nos encontrar? Agora nem a fazenda da minha avó era segura.

Enquanto pensava na ajuda de que eu sabia que precisaria, fechei os punhos, cravando as unhas nas palmas das mãos. Quando as abri, vi pequeninos sorrisos de meia-lua na carne zombando de mim. A ideia de trazer os irmãos fazia meu coração se apertar e o couro cabeludo formigar. Eu não sabia se isso era bom ou ruim, mas uma coisa era certa: minha vida estava prestes a mudar para sempre. Eu estava tão cheia de preocupações que nem notei que não fora Tia que cerrara os punhos.